

## TECENDO AS NARRATIVAS: TRABALHO, HISTÓRIA E SILICOSE NAS MINAS DE OURO

SARA OLIVEIRA FARIAS\*

### **Tecendo narrativas**

Analisar a experiência da doença contraída no trabalho através das histórias contadas e narradas (RICOEUR:1994) pelos trabalhadores não constituiu tarefa das mais fáceis, exigiu investigação, sensibilidade e disposição para trabalhar com questões que inevitavelmente remeteram a mais uma história da difícil luta dos trabalhadores do Brasil contra os padrões das empresas multinacionais, mas também nos conduziram para um universo de dor e de profunda emoção.

Foram selecionados os atores/personagens desta história, entre eles destaque: os mineiros (trabalhadores das minas)<sup>1</sup> que ao trabalhar quase sem proteção e orientação começaram a adoecer e em muitos casos a falecer. Estes trabalhadores acometidos da doença eram em sua maioria jovens, com idade que varia de 30 a 45 anos e a mineração Morro Velho havia sido seu primeiro emprego com garantias trabalhistas. Eram também trabalhadores das áreas rurais da região de Jacobina, da Bahia e de outros estados do Brasil, a exemplo de Pernambuco, Piauí.

Um segundo grupo selecionado foram as viúvas desses trabalhadores que a partir de suas experiências do passado, que a memória possibilita atualizar no presente, constroem aspectos diversos de uma história que narra as formas de trabalho intenso desenvolvido pelo marido, a procura pelo médico, a luta pelo diagnóstico e a vida sem o marido e com filhos para criar. De maneira geral as histórias narradas pelas viúvas são marcadas pela ruptura provocada com a morte dos maridos, tendo como diferença fundamental o deslocamento de seu papel social, passando de donas de casa para o de chefes de família, criando os filhos com poucos recursos.

E, por último os depoimentos dos dirigentes do sindicato foram fundamentais para compreender os caminhos traçados pelo sindicato para provar que a doença foi contraída no trabalho em decorrência da falta de orientação e proteção da empresa.

---

\* Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em História.

<sup>1</sup> Estes trabalhadores exerciam a prática do trabalho em áreas muito abaixo da superfície da terra. Foram nomeados como ajudantes de marleteiros, marleteiros, operadores, etc.

Nesses relatos, os dirigentes centralizam as estratégias construídas pela mineradora para impedir a associação entre trabalho na mina e silicose e como o sindicato tentou desconstruir o discurso este discurso, apontando para a relação entre a doença e sua causa, o trabalho no subsolo da mineração.

### **O trabalho: selecionando memórias**

Nos relatos orais de memória, quase sempre os trabalhadores do subsolo (nomeados naquele período como marleteiros) registraram seu local de trabalho como um local de tensão e perigo, com temperaturas que oscilavam entre alta e baixa, com muita poeira, além da falta de equipamentos individuais como máscaras de respiração, roupa adequada, protetor auricular e ineficiência de equipamentos como exaustor e sistema de ventilação.

Os depoimentos revelam que as atividades executadas não atendiam as exigências de segurança, provocando “constantes alterações orgânicas como pneumonia, bronquite, tuberculose, entre outras doenças do aparelho respiratório.” (FARIAS: 2008:222-223)

Aginaldo Amorim dos Santos ingressou na empresa ao final da década de 1970, época da pesquisa exploratória. Ele recorda que naquele tempo a poeira era intensa e o exaustor não dava conta, detonava com explosivos, retornava uma hora depois, mas a poeira ainda permanência. “Tinha máscara, mas era muito frágil ...era um cordãozinho que você botava assim e amarrava aqui, era algodão, não era máscara especializada.”(FARIAS;2008:223)

De outro lado apesar de reconhecer a precariedade das condições de trabalho ofertadas, Aginaldo<sup>2</sup> se apresenta como trabalhador destemido, desbravador e que trabalhava intensamente, quase sem descanso.

No seu testemunho, revelou que apesar da dureza do trabalho, não lhe restava outra solução, argumenta que naquela época o desemprego era uma realidade e que para ele não havia opção. Assim, produz seu argumento, o desemprego e a falta de opções de trabalho justificavam o ingresso na empresa e a aceitação daquele tipo de trabalho oferecido, perigoso e quase sem proteção. Entrelaça esse discurso com outro: o sonho

---

<sup>2</sup> A entrevista com Aginaldo Amorim dos Santos foi realizada em 19 janeiro 2006. Ver FARIAS, Sara Oliveira. Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina. Recife. EDUFPE, 2008.

da casa própria. A casa significaria segurança e amparo para a família, além de reconhecer que através do trabalho consegui a casa, não importando se ao adquirir a casa perdeu a saúde. Seu relato, assim como da maioria dos entrevistados não acusa diretamente a empresa, evita, por exemplo, o uso dos sujeitos, ou seja não explicita o nome da empresa. Portanto, afirma “... mas também não falo mal, porque arrumei minhas coisas.”( FARIAS:2008:224) Nesse sentido, justifica a prática cometida pela empresa com a casa que é o resultado natural do seu trabalho e não uma recompensa ou premiação. E o trabalho intenso e muitas vezes desumano passa a ter sentido com aparência de coerente, a empresa como única possibilidade de assegurar uma vida mais digna.

Se o lugar de trabalho constituía-se em possibilidade de vida que garantia o salário suficiente para garantir a subsistência da família, a educação dos filhos e a moradia própria, por outro lado era também o que em curto espaço de tempo conduzia à morte. As condições do trabalho são deslocadas do foco de sua análise, em seu lugar, o trabalho que assegurava a sobrevivência e vida mais digna. Assim, o significado do trabalho é instituído como o único meio de manter a si e sua família, esta era sua interpretação diante daquela realidade, mas o trabalho nas minas emitia outros signos(DELLEUZE;2003) a serem decodificados, entre eles a maneira de se trabalhar em um ambiente perigoso.

O relato de Agnaldo centraliza o cotidiano do subsolo, sobretudo o ritmo frenético nas frentes de trabalho:

*“seis horas de trabalho sofrida, viu, descansar nada, é por turno, pela manhã de sete e meia a duas horas, três horas, depois entrava outro turno pela manhã de sete e meia às duas horas, depois entrava outro turno até nove, dez horas... Cada turno que entrava tinha que fazer seu serviço pronto pra o outro turno que chegasse, se não deixasse, levava reclamação do supervisor, por que não detonou, por que não fez isso? A vida lá era assim, o seu serviço tinha que terminar, se você fosse detonar [com dinamite] furava e detonava, aí ia embora, o outro que vinha subia, lavava... se não dava [tempo] para fazer fica lá, cada turno tem que fazer seu serviço e deixar pronto. É produção, mas só que a gente trabalhava, não ganhava produção não, a gente ia trabalhar... recebia o salário, na época era um bom salário, mas aquilo não correspondia também aquele trabalho não, entendeu? você trabalhava demais. Eu ganhava três salários mínimos, era nessa faixa.... E a vida era assim mesmo, não tinha jeito não, você tinha que fazer o serviço ou você fazia ou você enfrentava reclamação, às vezes era até punido com demissão. Eu nunca fui punido. Cansei de ta trabalhando sozinho, sozinho limpando galeria, limpei quatro quilômetros sozinho dentro da galeria, quando o colega não vinha, eu trabalhava só. E quando usava a máquina no meu turno que o colega faltava eu tinha que ficar. Tinha que ficar porque era visado, o cara perdia o emprego. (FARIAS:2008:227)*

Dessa forma Agnaldo construiu sua narrativa sobre os aspectos que focalizam a rotina do começo e do fim das atividades nas minas. Seu relato revela o quanto foi intensa sua atividade. Pode-se pensar que o ritmo intenso dos trabalhadores fosse motivado pelo salário, um pouco acima do quanto era pago na região, tornando-os ainda mais produtivos, instituindo assim outros sentidos para a maneira de trabalhar. Revela ainda as relações de força engendrada daquela situação, tinha que cumprir as ordens, como ele afirmou, “não tinha jeito não.” Se por um lado a empresa criou estratégias para que as ordens fossem cumpridas, por outro lado o trabalhador colaborou na eficácia daquelas estratégias, porque cumpria o que dele se esperava, sujeitando-se à ordem estabelecida, a disciplina. O corpo humano, o corpo do trabalhador se transforma em um corpo dócil, entrando numa “maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.”(FOUCAULT:2002:119)

Na entrevista com Agnaldo, ele frequentemente enunciava seu orgulho de ter sido um trabalhador que não faltava ao trabalho, sendo recrutado mesmo quando estava de folga e cumpridor dos deveres. Em troca, o trabalhador tinha seu esforço valorizado pela empresa. Sua disciplina foi recompensada, foi promovido de cargo, mas continuava no mesmo ritmo imposto da atividade anterior, única forma, segundo ele de garantir o emprego.

Por outro lado aquele trabalho intenso afetou o equilíbrio de seu organismo, provocando profundas mudanças em sua vida. Quando começou a sentir os sintomas de forma mais intensa, procurou o médico da empresa, este o mandou fazer radiografia. No exame foi detectada uma macha, mas segundo seu depoimento o médico não lhe disse do que se tratava e logo depois foi afastado de trabalhar no subsolo. No seu depoimento esclareceu que não sabia de muita informação sobre a doença (silicose). “Eu não sabia de nada, falta de experiência, o sindicato não me disse nada. E eu contribuía.” (FARIAS: 2008:229)

Nesse aspecto, a narrativa se Agnaldo centraliza sua pouca informação e seu despreparo e do sindicato diante daquela situação. O caminho seria agora enfrentar a nova realidade e lutar para associar trabalho e silicose fossem reconhecidos como causa e consequência, caminho que foi longo, permeado de muitos atalhos. Mas de imediato ele não lutou pelo diagnóstico oficial que seria confirmado através do CESAT,<sup>3</sup> esperou se

---

<sup>3</sup> Naquele período o CESAT era nomeado como o Centro de Saúde do Trabalhador, instituição ligada à

aposentar. “ Eu me aposentei em 1991. Em 1992 eu fui pra Salvador, para que fizessem os exames e me dessem o relatório, mas eu já estava aposentado. Hoje meu salário é desse tamaninho.” (FARIAS:2008:229) Para ele o que estava em jogo era garantir sua aposentadoria que é tomada como foco central do seu argumento. A aposentadoria em lugar de ser um direito é nomeada como um prêmio, discurso que termina por legitimar as práticas de exploração.

Do seu ponto de vista, não havia alternativa senão obedecer, porque não queria ser punido, construindo sua marca individual de trabalhador individual disciplinado, exemplar. Pode-se pensar que como sujeito o trabalho era uma forma de mostrar-se no mundo, ser socialmente reconhecido dentro e fora da empresa, explicando, em parte, o fato de protelar sua ida a Salvador em busca de diagnóstico médico e oficial.

### **Outras memórias: viúva e silicose**

A seleção por trabalhar com os depoimentos das viúvas dos trabalhadores ocorreu por variados motivos, entre eles pode-se destacar o fato de que essas mulheres acompanharam seus maridos desde o aparecimento dos sintomas, a luta pelo diagnóstico, o convívio com a doença e a morte do marido. Experiências múltiplas que revelam os significados daquela realidade marcada por combates para provar que a silicose foi contraída no ambiente de trabalho.

As trajetórias de vida das viúvas se assemelham, sobretudo quando se referem ao desamparo resultante da perda do marido, do pai e provedor da família. A ruptura de uma vida estruturada, muitas vezes provocava uma realidade dramática como lembrou Newcy Felícia Lima que passou “três meses em cima da cama, no calmante, não queria ver ninguém...”(FARIAS:2008:218).

No seu depoimento denuncia aquela situação, ou seja, sem marido, com filhos para sustentar e aguardando na justiça o resultado da ação indenizatória movida na justiça, constituindo assim, uma de suas formas de luta, mas não confiava plenamente nele, principalmente, porque havia mais de uma década que aguardava a indenização financeira pela morte do marido. Reconheceu que estava em desvantagem, consideradas as diferenças nas relações de força sociais e é nesse espaço que mobiliza uma força

---

Secretaria de Saúde do estado da Bahia (SESAB). No CESAT foi possível pesquisar nos documentos sobre as condições de trabalho na mineradora Morro Velho e também realizar entrevistas com a equipe de funcionários como uma médica e duas assistentes sociais.

maior a espiritual, isenta de todas as maldades humanas, capaz, portanto, de intervir e garantir a justiça almejada.

*... Porque eles não pensam o lado nosso, ele[empresa]pensa o lado deles...Não dá o que as viúvas têm direito, porque o direito é nosso, mas um dia, eles vão dar, sabe por que?porque eu coloquei nas mãos do Senhor e eu disse, tu vai ser meu juiz, se o juiz da terra ta agindo assim da maneira que eles querem eu tenho meu direito e Deus é meu juiz e o senhor Jesus é o meu advogado...(Farias:2008:218-219)*

Nessa perspectiva, pode-se pensar que a religião é o sentido encontrado para fortalecer a luta pelos direitos do marido falecido e de sua família. A religião é construída como maneira de amparo e conforto, mas também funciona como prática política que ajudaria na luta travada contra a empresa.

O embate entre a viúva e a empresa foi iniciado com a confirmação do diagnóstico de silicose por um médico do posto municipal de Jacobina, mas a empresa negava. Uma das frentes de luta foi conseguir o relatório médico oficial, conseguiu apenas se afastar do trabalho e receber um auxílio da previdência. A morte do marido ocorreu em 1991, antes de ser encaminhado para o laudo médico, parte do pulmão fora retirado para autópsia a fim de comprovar a morte em decorrência da silicose, constituindo em elemento fundamental para provar que contraiu a doença em decorrência da exposição por 12 anos de trabalho na empresa Morro Velho.

O depoimento de Newcy Felícia assim como as demais entrevistadas revelou as múltiplas experiências decorrentes das práticas cotidianas daquelas mulheres. Revelou também a perplexidade diante daquela realidade, os discursos foram marcados pela escolha dos acontecimentos abordados, pelo tom da voz, pela escolha do léxico, pelo uso das antíteses e pelos sujeitos não identificados. Com a perda dos, impõem-se uma alternativa dos papéis em função das próprias necessidades.

Pode-se perceber nestes relatos que os trabalhadores foram revelados como pessoas sem muitos recursos, mas tratavam suas mulheres dentro de um padrão masculino e patrimonial, onde a mulher era para ser mantida pelo homem. Esse modelo se tornou um obstáculo a ser vencida por essas mulheres que não tinham a experiência de se transformarem em provedoras da casa. Aspectos significativos na construção das histórias dessas mulheres que produzem outras histórias sobre trabalho e trabalhadores em Jacobina.

Nesse sentido, rastrear as várias possibilidades daquela história constituiu um dos procedimentos metodológicos, pois não bastava analisar a prática do trabalho na empresa, mas tentar compreender o mosaico das complexas relações sociais dos trabalhadores, incluindo a ruptura produzida em sua vida com a doença contraída. Assim, as viúvas foram fundamentais para explorar este aspecto.

### **O sindicato**

O sindicato dos mineiros de Jacobina, criado em 1985 contribuiu de forma significativa na luta para provar a associação trabalho e silicose. Considerando as relações de forças desiguais, o sindicato e os trabalhadores estavam em desvantagem. Primeiro porque nos meados dos anos 80, a prática sindical começava a ser delineada e as dificuldades enfrentadas foram muitas. Entre elas, pode-se destacar a própria conjuntura nacional, era um período pós-regime de exceção, os movimentos sociais, incluindo o de trabalhadores começavam a se reorganizar. Segundo, os partidos de esquerda como o Partido dos Trabalhadores começam a ser criados nos estados e municípios do Brasil e exerciam forte influência nos sindicatos daquele período, incluindo o sindicato dos mineiros de Jacobina.

Nesse cenário, os trabalhadores das minas, inicialmente através do sindicato começavam a traçar estratégias de luta, reivindicando melhores salários e condições de trabalho. Estas reivindicações terminaram produzindo as greves nos anos de 1985 e 1987 que foram duramente reprimidas, resultando em algumas demissões. Essas experiências dos trabalhadores com a greve produziram outros significados à prática sindical, entre eles o medo dos trabalhadores em relação ao desemprego e o descrédito no poder de força do sindicato, sobretudo depois da demissão de muitos trabalhadores. Após a greve de 1989, a diretoria do sindicato foi obrigada a trabalhar por cerca de um ano nas galerias subterrâneas sem contato com os demais colegas.

Esses acontecimentos marcam em parte a prática sindical. Por outro lado, o poder repressivo da empresa também fazia com que as denúncias do sindicato, inclusive o fato de os trabalhadores adoecerem e em muitos casos falecerem em decorrência do trabalho não tivessem espaço para que estes discursos circulassem. O sindicato, por exemplo, denunciava que a empresa associada aos médicos da mineradora e de alguns da cidade repassava aos seus funcionários que estes tinham tuberculose, se apropriando do

discurso da medicina, reconhecendo a silicose apenas como doença do aparelho respiratório, omitindo o nexo causal entre trabalho e doença. Na sua construção discursiva, a Morro Velho não reconhece as condições de trabalho como fator determinante para que o trabalhador venha a contrair a silicose, e passa a relacionar a doença a um conjunto difuso de fatores que retira qualquer responsabilidade da empresa.

Por outro lado, os trabalhadores e dirigentes do sindicato nos seus depoimentos quase sempre afirmaram que nos anos de 1980 desconheciam o significado da silicose. Para eles, a doença não existia, porque não existiam notícias de pessoas que adoeceram ou morreram por conta do trabalho exercido, confirmando assim a prática eficaz da empresa produzida para burlar a vigilância no ambiente laborativo, evitando a conscientização do quanto o trabalho era responsável pelo afastamento dos mineiros da atividade produtiva. Francisco Malaquias, ex-diretor de sindicato afirmou:

*Não, nós não sabíamos. Certeza absoluta que alguém da empresa, inclusive o diretor da empresa, por exemplo, ele sabia que existia, porque a Morro Velho vinha de Nova Lima (MG), era uma empresa que em Nova Lima é muito mais antiga do que em Jacobina e lá em Nova Lima tinha muitos atestados de silicose... a maioria dos trabalhadores de Jacobina era o pessoal que vinha do interior da cidade, vinha da roça...era um pessoal muito braçal, o pessoal não sabia nem que existia a silicose... (FARIAS: 2008:134)*

De acordo o relato acima a doença não existia, porque não era enunciada, facilitando o desenvolvimento e avanço da silicose entre os trabalhadores. A empresa, segundo o depoente, conhecia aquela realidade porque já trabalhava com mineração em Minas Gerais, mas não falava sobre a doença. Por outro lado, o discurso sobre os trabalhadores é o de não saber sobre a doença, explicado principalmente pela trajetória dos migrantes da zona rural para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

Se os trabalhadores foram excluídos do emprego e posteriormente da vida familiar e social, a empresa lutava para impedir a associação silicose/local de trabalho. A luta foi travada também no campo da linguagem, entre o nome da doença e sua causa. Remetia sua causa a um fator genético e quanto aos óbitos, segundo a empresa, não estavam diretamente relacionados com a doença.

Durante a década de 1980, os enunciados sobre a silicose foram silenciados pela empresa na tentativa de consolidar outros discursos, entre eles o do desenvolvimento sócio – econômico promovido pela mineração Morro Velho... Falava-se em progresso,

mas este não era visto, confirmando a tese de que falar não é ver.<sup>4</sup> A empresa produziu o discurso do trabalho, do emprego e da geração de renda que de certa forma terminou enredando os moradores da cidade e os próprios trabalhadores., mas também foi atravessado por outros sentidos, apoiando-se nas histórias das doenças contraídas pelos mineiros, com seus efeitos de evidência, provocando o movimento entre essa realidade do dia-a-dia e as imagens enunciativas da riqueza que não é só ouro, mas poder, fama e bem-estar.

Os percursos desses combates são intrincados, permeados de conflitos, produzindo múltiplos sentidos, porque neles está subjacente o problema das relações sociais e econômicas, da divisão e exploração do trabalho, produzidas no jogo de forças. Nesse confronto, há sempre a possibilidade de rupturas e da criação de outras formas de vida e trabalho.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELLEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense,1988.

\_\_\_\_\_ Proust e os signos. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.

FARIAS, Sara Oliveira Farias. Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina.Recife. EDUFPE,2008.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. 6ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. ( Trad. Luiz Felipe Baeta Neves)

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo I. Campinas, 1994.

---

<sup>4</sup> Sobre os enunciados ver entre outras obras: FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. 6ªed.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.21-78( Trad. Luiz Felipe Baeta Neves);DELLEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense,1988, p.70.